



**Instituto de Humanidades-IH**

**Curso de Bacharelado em Humanidades – BHU**

**Minha roupa, minha identidade**

Delfina Cristóvão

Redenção, 2021

# **Minha roupa, minha identidade**

Delfina Talavenda Cristóvão

Projeto de Pesquisa apresentado à disciplina de T.C.C.III, como requisito para obtenção da aprovação na disciplina.

Redenção, 2021

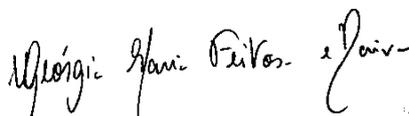
**Delfina Talavenda Cristóvão**

## **Minha roupa, minha identidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades (BHU) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito necessário para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 02 / 08 / 2021.

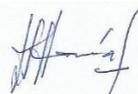
BANCA EXAMINADORA



---

Profa. Dra. Geórgia Maria Feitosa e Paiva (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



---

Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



---

Profa. Dra. Daniele Ellery Mourao (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

## RESUMO

As representações tradicionais e culturais são exercidas por indivíduos de uma determinada sociedade, etnia ou grupo étnico linguístico, comunidade e outras formas de organizações sociais que na maior parte das vezes são regidas pela coletividade (regras, valores, moralidade, simbologias são sempre construções sociais). Os efeitos da globalização perpassam os processos mitológicos, linguísticos, simbólicos e culturais podendo afetar fortemente como os sujeitos nativos de uma determinada cultura, especialmente os jovens<sup>1</sup>, concebem suas tradições. Neste projeto, temos como objetivo compreender sobre o processo de apropriação da vestimenta angolana pela cultura europeia como produção de capital simbólico para os países africanos. Para isso partimos de um estudo bibliográfico sobre identidade étnica e identidade global, a questão da roupa africana e a componente globalização e, conseqüentemente discutiremos sobre a mídia moderna e a moda versus simbolismo. Procuraremos compreender essas demandas mediante a articulação dos estudos de Kabengele Munanga (2009); Pierre Boudieu (1989); Victor Kajibanga (2020); Boaventura de Sousa Santos (2008); Paulo de Carvalho (2011); Roland Barthes (2009); Rodney William (2019), Achile Mbembe (2001), e outros que serão mencionados ao decorrer da elaboração presente trabalho. Nossa apreciação da literatura indicou que a questão da apropriação cultural se restringe a adoção de símbolos representativos das culturas africanas como uma possível forma de dominação pela outra cultura dita como aceitável e conseqüentemente deve ser considerada como um padrão universal, e como a mesma esvazia os significados destes símbolos que também são representados no vestuário, por questões de poder e vias capitalistas. Acreditamos que este trabalho servirá como mecanismo de consulta e reflexão para que a camada juvenil angolana se questione sobre as suas tradições referentes a vestimenta e quiçá, abrir-se-á mais interesses em procurar entender os reais significados naquilo que nos representa enquanto povo que dá ênfase ao que é cultura.

**Palavras-chave:** apropriação cultural; capital simbólico; moda; ocidentalização.

---

<sup>1</sup> Neste ponto, entramos num “paradoxo” onde maior parte dos jovens da cidade de Luanda, têm mais facilidade em entrar em contato com coisas ou situações que são proporcionadas pela globalização do que com as suas próprias tradições. Deste modo, podemos considerar que se torna difícil o mesmo entender as especificações das experiências endógenas já que a globalização em muitos sentidos nos proporciona uma visão de mundo generalizada.

## **Agradecimentos**

A Deus todo poderoso dou graças pelos inúmeros obstáculos que pude enfrentar durante este período de aprendizagem onde os desafios e as dificuldades são constantes e muitas vezes chegam a ser teimosas. Aos meus familiares especialmente Pai e Mãe que, ao longo desta caminhada que infelizmente tem sido distante deles, têm me feito ser uma filha, mulher, estudante cada vez mais positivista e centrada naquilo que são os meus objetivos e perspectivas. A professora Geórgia que me abraçou desde o primeiro momento para juntas construirmos este trabalho, os meus profundos agradecimentos.

Como estudante internacional, estar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira tem sido um misto de situações que muitas vezes só conseguimos passar por elas quando temos alguém disposto/a limpar as nossas lágrimas sempre que elas tentam fazer moradia em nossos olhos. São tantos momentos ruins que, se não tivéssemos aquele abraço, aquela palavra que conforta, aquela ligação inesperada que dá uma cor diferente aos nossos dias, tudo seria muito mais complicado. Então, os agradecimentos também vão a todos os meus amigos e amigas (em especial as meninas que partilham a casa comigo) que têm demonstrado um companheirismo que tem sido fundamental deste percurso. Até porque sem eles/as os meus aniversários aqui no Brasil não teriam muito sentido.

## **Dedicatória**

Em primeiro lugar dedico este trabalho como um sinal de um “bom trabalho” aos meus progenitores que têm contribuído significativamente ao meu crescimento pessoal, a professora Geórgia Paiva por tudo apoio, cumplicidade, por toda motivação e confiança que em mim foram depositadas.

Dedico também a mim porque, por mais que eu tenha recebido todo o apoio e encaminhamento de determinadas pessoas, a vontade de continuar e trazer algum benefício próprio sempre esteve patente. Procurei dar, fazer e escrever tudo que eu pude durante este curto percurso que foi marcado de muitos altos e baixos que, graças as minhas motivações internas consegui ultrapassar para poder dar o melhor de mim mediante aquilo que eu espero de mim mesma.

*Não basta que seja pura e justa a nossa causa.*

*É necessário que a pureza e a justiça existam dentro de nós.*

*“Dr. António Agostinho Neto”*

## SUMÁRIO

<b>1. TEMA.....</b>	<b>8</b>
1.1. DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	8
<b>2. OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>8</b>
2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	8
<b>3. PROBLEMA GERAL.....</b>	<b>8</b>
3.1. PROBLEMAS DE PESQUISA.....	8
<b>4. HIPÓTESE BÁSICA.....</b>	<b>9</b>
4.1. HIPÓTESES SECUNDÁRIAS.....	10
<b>5. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>12</b>
<b>6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>16</b>
6.1. IDENTIDADE ÉTNICA E IDENTIDADE GLOBAL.....	16
6.2. ROUPA AFRICANA E GLOBALIZAÇÃO.....	20
6.3. A MÍDIA MODERNA E A MODA X SIMBOLISMO.....	22
<b>7. METODOLOGIA.....</b>	<b>28</b>
7.1. CRONOGRAMA.....	29
<b>8. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

**1. Tema:** Minha roupa, minha identidade: Moda Ocidental e Identidade Africana

**1.1. Delimitação do tema:** A apropriação da vestimenta angolana pelos “moldes industriais” europeus como produção de capital simbólico para os países africanos (Angola/Luanda).

**2. Objetivo geral:** Compreender sobre o processo de apropriação da vestimenta angolana pelos “moldes industriais” europeus como produção de capital simbólico para os países africanos (Angola/Luanda).

**2.1. Objetivos específicos:**

- ✓ Debater sobre o conceito de identidade e autenticidade a partir de Kabengele Munanga (2009);
- ✓ Discutir sobre o conceito de cultura a partir de Gueertez (2008), Pierre Bourdieu (1989) e Kajibanga (2020);
- ✓ Identificar as características da vestimenta tradicional angolana como manifestações de capital simbólico regional;
- ✓ Analisar o contexto histórico angolano de colonização, afim de perceber a influência de países ocidentais sobre a moda de Angola.

**3. Problema geral:**

- ✓ Como se dá o processo de apropriação da vestimenta angolana pela cultura europeia como produção de capital simbólico para os países africanos?

**3.1. Problemas de pesquisa:**

- ✓ O que é identidade a partir de Kabengele Munanga, 2009?
- ✓ O que é cultura a partir de Gueertez (2008), Pierre Bourdieu (1989) e Victor Kajibanga (2020) na perspectiva de Mário Pinto de Andrade?
- ✓ Quais as características da vestimenta tradicional <sup>2</sup>angolana como manifestação de

---

<sup>2</sup> O tradicional também muda, ou seja, ele não permanece estático com o passar dos tempos. Está sujeito a trocas que acontecem com o processo de globalização. Mas, existem determinadas características simbólicas que se mantêm “preservadas”.

capital simbólico?

- ✓ Como se deu o contexto histórico angolano de colonização, servindo como influência de países ocidentais sobre a moda de Angola?

#### 4. Hipótese básica

- ✓ Com a expansão europeia, inúmeras tradições culturais foram progressivamente subjugadas e absolvidas a esfera da perspectiva de visão de mundo ocidental e, as culturas subjugadas eram ou são vistas como inferiores e chegam a ser reprimidas. O termo “apropriar” reflete ou significa tomar para si, logo, podemos fazer uma reflexão ou uma análise política particularmente quando determinada cultura é oprimida fica à mercê de outra cultura dominante, e, quando uma cultura é dominante ela automaticamente se coloca como o padrão aceitável.

O colonizador se apropriou da cultura do escravizado inclusive como uma forma de aniquilá-lo. Portanto, definir apropriação cultural vai muito além de formular uma lista do que pode ou não ser usado. Junte-se a tudo isso as especificidades do capitalismo e da sociedade de consumo e não será difícil concluir que a manutenção da dominação e do lucro como demandas prioritárias revela como as questões econômicas, num mercado cada vez mais desumano, direcionam o mundo moderno. (WILLIAM, 2019, p.22-24)

Por outro lado, o processo de apropriação da vestimenta angolana/africana pela cultura europeia como produção de capital simbólico para os países africanos além da colonização, tem muito que ver com fator globalização que intensificou o comércio e a comunicação entre os países que, automaticamente fez surgir um mercado consumidor ávido por novidades. Logo, todos esses mecanismos fazem com que a cultura e a sociedade ocidental capitalista se utilizem de questões simbólicas referentes ao vestuário para fins econômicas e, que na maior parte das vezes não trazem retorno para a comunidade africana.

- ✓ A partir do momento que somos sujeitos individuais e coletivos, fazemos parte de uma sociedade em que na qual temos às nossas representações sociais como composições simbólicas condensadoras do capital simbólico, às nossas representações ou conjunto de conhecimentos que evocamos enquanto comunidades, são identificadas e escolhidas e, têm toda uma forma simbólica como uma coletividade de crenças que variam de região para região. Nesse sentido, a apropriação cultural pode ser identificada no uso ou

na modificação de alguma coisa carregada de simbologias e significados representativos pertencentes a uma comunidade, como mais um mecanismo meramente comercial e de uso indevido “desrespeitando” determinadas características regionais.

#### 4.1. Hipóteses secundárias

- ✓ Identidade vai muito além de pertencer a um grupo étnico, falar determinada língua ou simplesmente ser nato do país A ou B. Existem outros pontos relevantes como, por exemplo, o vestuário, que são analisados para construir representações (como eu me vejo e como os outros me veem), de um povo e que, infelizmente têm sido “banalizados” com surgimento da modernidade. Para Kabengele Munanga (2009), na identidade de um povo estão englobadas em três aspetos principais: fator histórico, psicológico, e linguístico, ou seja, existem um conjunto de pressupostos que estão na base da “autenticidade<sup>3</sup>” de um povo. Se formos ao dicionário notaremos que a palavra “*autenticidade*” proporciona sinónimos como fidelidade que automaticamente vai se traduzir na veracidade daquilo que é próprio. Ou seja, determinado objeto não é alvo de mutações ou mudanças. Infelizmente este elemento tem perdido cada vez mais a voz porque existe uma macroestrutura cultural com o poder de tornar único gostos, ideologias, crenças ou valores e, principalmente as tendências que têm ligação direta com o vestuário. Com isso, acabamos por ter representações que pouco têm que ver com as nossas vivências reais ou tradições por estarmos preocupados com as opiniões ou com a negação social ao ponto de sermos submissos a toda essa estrutura.
- ✓ Na ordem visionária de Geertz (2008), e Kajibanga (2020), a cultura é uma substância ou essência das sociedades. Ou seja, a cultura é uma sequência que comporta vários aspetos significativos em que na qual quem está de fora tem que equivaler-se nas descrições muitos minuciosas tendo em conta tais aspetos que podem ser agregados na comunidade de formas diferentes. Desde os primórdios da história humana, o vestuário foi se tornando cada vez mais importante e, no período pré-histórico os nossos ancestrais costumavam envolver seus corpos em folhas de árvores, peles de animais entre outros utensílios. Com o passar do tempo, o povo africano/angolano foi aprimorando o seu vestuário com o desenvolvimento da industrial têxtil e quiçá da própria globalização em

---

<sup>3</sup> Optou-se em colocar a palavra em virgulas altas pois, considera-se essencialismo dizer que as identidades africanas são autênticas como se não sofressem de tipo de alteração. A verdade é que, as trocas em certos momentos são necessárias e evolutivas.

si. Porém, houve a necessidade de preservar aquilo que é cultural e ao mesmo tempo tradicional no que diz respeito a “especificações” da vestimenta desde as cores ricas e coloridas e com detalhes específicos em seus designers. E, essas cores têm as suas representações que variam entre coisas positivas como prosperidade, riqueza, fertilidade; coisas negativas que estão ligadas a morte, sangue, conflitos etc. Em ocasiões específicas, a combinação de cores pode de alguma forma alterar o significado individual da mesma. Logo, escolher e comprar uma roupa africana para usar, significa muito mais do que apenas escolher um modelo bonito ou de moda, as roupas carregam um significado cultural muito mais amplo e diversificado.

- ✓ Com o fator colonização Angola sofreu inúmeras influências<sup>4</sup>, tantas que até hoje ainda sofre com elas, desde como se sentar à mesa, como falar, como vestir, como se sentir e ser considerado civilizado, etc. Com o passar dos anos a ocidentalização que é um reflexo claro da colonização vai ganhando cada vez mais espaços em diversas áreas, e a vestimenta africana não foi poupada desde cenário. Deste modo, a indumentária cultural do continente berço vai perdendo a sua “essência” e, em Angola esse fato é notório de uma maneira brusca. Um país habitado majoritariamente por jovens não quer ser rechaçado quando o assunto é “moda”, assim, a vestimenta africana chega a ser considerada como algo antigo e fora de “moda”, ou então, ela sofre tantas ressignificações ou apropriações proporcionadas pela ocidentalização.
- ✓ Os tecidos, as estampas ou imagens, proporcionam para a cultura tradicional angolana simbologias que são capazes de enaltecer à alma dos nossos ancestrais. A decoração do mesmo seja ela pintada, impressa, costurada etc., têm uma representatividade sobre os espaços, os seres e as transformações presentes na mitologia, além disso, a vestimenta tradicional angolana em muitas ocasiões ou cerimônias, se manifesta como capital simbólico na identificação social ou religiosa.

---

<sup>4</sup> A colonização trouxe proibições, negações, silenciamento e imposição de modos e valores, além da criação de imagens negativas sobre o continente africano e os negros/as.

## 5. Justificativa

O processo de ocidentalização da vestimenta africana adotada pela população jovem angolana dentro do parâmetro da moda ocidental e identidade africana, é um fenómeno que nos últimos tempos tem chamado bastante atenção de muitos pesquisadores, merecendo assim um estudo epistemológico. Estamos numa sociedade em que padrões culturais, modos de ser, agir, pensar, imaginar e vestir inseridos no meio local, nacional ou regional, têm sido quebrados ou absolvidos pela sociedade moderna.

Em epistemologias do Sul, Boaventura Santos (2019) nos apresenta uma reflexão extremamente relevante sobre aquele Sul que é constantemente inferiorizado e camuflado em virtude de todo o processo histórico de dominação colonial. Achamos interessante propor essa visão do autor porque o norte eurocêntrico e ocidental, têm reprimido de uma maneira significativa de muitas formas simbólicas, representativas e culturais do Sul que para eles é primitivo ou desqualificado, mas, ainda assim muitos destes símbolos são usados como via de acumulação do capital.

O interesse em pesquisar este fenómeno surge com base a tantas inquietações que se pretende compreender melhor no meio dos jovens angolanos de modo especial, o que lhes motiva significativamente para desmerecerem a sua cultura no que toca aos modos de vestir (que automaticamente influencia o ser), locais, nacionais ou regionais para adotarem uma cultura de vestir mundial, global ocidentalizada, visto que, “ a indumentária exerce um papel significativo na formação de agrupamentos, formais ou informais, que partilham ideias, gostos, hábitos, comportamentos (CIDREIRA, 2010, p.237)”. E, é interessante pensar se os mesmos têm conhecimentos relevantes sobre a cultura do vestuário angolano/africano que são caracterizados pelos diversos tecidos e as suas respectivas estampas ou imagens que variam de região para região.

E o que chama mais atenção neste todo processo de ocidentalização da vestimenta africana pela população jovem de Angola, é a sua expansão significativa ao longo dos tempos, e o mais agravante é que parece que muitos jovens angolanos não se importam com este fato. As saias longas feitas de pano local ou nacional deram lugar as saias jeans curtas, os vestidos que cobriam o corpo esbelto da mulher angolana hoje são usados por mulheres “velhas”, aquelas que não podem pagar por um vestido da Gucci, Dolce Gabana, ou suas imitações. Isso não quer dizer que as “misturas” devem ser ignoradas, pelo contrário, mas, nestas misturas o que deve ser mais evidenciado?

As calças rasgadas quase a caírem e apertadas, são consideradas pelos jovens angolanos como uma peça básica do seu vestuário, e em alguns casos jovens que se não tiverem determinada roupa moderna<sup>5</sup>, de marca que está na moda não vão à escola, à igreja ou a um outro local qualquer com a desculpa de que “não tenho roupa para usar”. No entanto, são questões e vivências como essas que de certo modo propagam pensamentos significativos para se entender a identificação cultura local, partindo no pressuposto de que a nossa maneira de vestir diz muito sobre nós. “O ato de vestir, em diversos momentos da história, apresentou-se como um modo de contestar a sociedade como um todo” (SILVA, 2017, p.4).

Maria da Graça Setton (2019), sobre a concepção de capital simbólico de Bordieu, propõe que a cultura de um povo é movimentada por questões simbólicas que de alguma forma vão identificar consideravelmente um indivíduo, grupo, clã e etnia, questões essas que verificam nos modos de ser, agir, pensar e até nos modos de vestir. O simbolismo cultural de identidade pode ser objetivo ou subjetivo, Kabengele Munanga (2009), menciona que a identidade objetiva se expõe por intermédio das características culturas, linguísticas, entre tantas outras retratadas por estudiosos como a maneira de se vestir local, nacional ou regional, em muitas ocasiões é confundida com a identidade subjetiva, que é a maneira como o próprio grupo se define ou é definido por outros grupos.

Hugo Quintela (2011) defende que o vestuário pode ser entendido como uma perspectiva cultural em que os objetos servem tanto para promover a realização pessoal, quanto para comunicar significados sócio – culturais. Diante disto, surge a seguinte indagação: porque os jovens angolanos não se vestem de acordo os modos culturais locais, nacionais ou regionais?

Para Kabenguele Munanga (2009), o grupo adota uma cultura incorporada porque a sociedade moderna globalizada e ocidental lhe apresenta modos de ser divergentes aos da sociedade local. Os grupos locais ou étnicos de Angola, por muito tempo eram vistos como formas de organização social, organização essa que era visível em vários sentidos incluindo a maneira de vestir. Com as novas modalidades estruturais e organizacionais capitalistas, o cenário é diferente.

Sobre esse aspecto, Vilma Rodrigues (2019) discute sobre o fato de que a cultura do grupo majoritário ou das elites dominantes que são capitalistas ocidentais, são prevaletentes,

---

<sup>5</sup> Roupa moderna, de marca. Parece um mal que nos assola em diversas partes do mundo, a globalização e o estímulo ao consumismo via estratégias comerciais e imagéticas próprias do capitalismo neocolonial.

ou seja, os grupos dominados interiorizam ou assimilam os padrões culturais, vestimentas, modos de ser do dominador, essa perspectiva também é apresentada por Paulo Carvalho (2011). Com o avanço da globalização e da tecnologia, este processo é mais frequente e o mundo é visto como uma metáfora: aldeia global.

O mundo moderno nos apresenta armadilhas para que nós nos vejamos refletidas nelas, fato que é comentado pela Mariana Lacordaire e Seila Preto (2017), o que para a sociedade moderna e ocidental é um ato feito para que posteriormente gere lucro ou acumulação do capital que é gerada pelo mercado e a mídia, para muitas culturas vestir-se faz parte de todo um processo de identificação, se sentir parte daquele grupo e reconhecer-se como tal. Com o processo de mundialização, a moda ocidental foi e vai se expandindo até nos dias atuais tanto que o reflexo do indivíduo se sentir culturalmente membro pertencente de um grupo local vai se tornando invisível.

O vestuário como forma de identidade cultural de um grupo local, nacional ou regional, tem sido tema de muitos debates e é discutido por muitos estudiosos ou autores nacionais e internacionais. Porém, muitos destes autores não propuseram questões significativas para analisar as *instituições públicas* (principalmente às escolas), como parte da crise cultural com relação ao vestuário evidenciado em Angola.

De que forma é que essas instituições podem contribuir de maneira positiva para o resgate dos valores culturais? Acredito que essas instituições podem ter um papel preponderante para que a cultura ou o vestuário local seja valorizado e usado. O fato é que as mesmas fazem parte de um processo civilizatório das sociedades “tradicionais” do mundo moderno, ocidental e capitalista como afirma Octavio Ianni (2010).

Visto nesta perspectiva do processo de civilização das sociedades tradicionais, a mídia ou simplesmente os meios de comunicação se tornam em uma forma de comércio e acumulação do capital. No entanto, esses meios exercem um papel preponderante neste mundo moderno ocidental, fato que também é estudado por diversos estudiosos. Qual a influência que a mídia transmite por intermédio de pessoas que têm alguma ou muita visibilidade dentro deste circuito como: cantores/músicos, influenciadores sociais, apresentadores de diversos programas televisivos no meio dos jovens angolanos?

Ou seja, sabemos que essas pessoas consideradas famosas por conta dos indivíduos que os apreciam, têm uma grande influência no seio de uma sociedade principalmente no meio dos jovens, inclusive alguns deles são “ídolos” dos mesmos, que papel estes famosos podem exercer

em prol de uma cultura endógena? São questões que alguns trabalhos selecionados e estudados não fazem uma menção minuciosa.

Este projeto de pesquisa, vem em primeiro lugar com o intuito de compreender o processo de ocidentalização da vestimenta africana da população jovem angolana, porque os jovens são os principais influenciados com as táticas da globalização ou do mundo moderno ocidentalizado. Ora, fora o processo de colonização que Angola sofreu e que teve um impacto da ressignificação da cultura local, existem outros fatores, outras influências que coadunam neste processo.

Para verificar a dinâmica deste processo de “ocidentalização”, faremos uma pesquisa bibliográfica, afim de aprofundar questões que precisam ser rebatidas como a questão das estruturas funcionalistas desta nova conjuntura social proposta por Octavio Ianni (2010). Desta forma, colocaremos em discussão aspetos relevantes inclusive ligados as questões políticas, ou seja, se de alguma forma as estruturas funcionalistas podem ou não interferir na transformação da identidade cultural de Angola.

No contexto geral, com este projeto de pesquisa conseguiremos lançar mão de novos modos de pensar, agir, ser, imaginar, vestir, presentes nas sociedades locais, são incorporações ou ressignificações de uma cultura completamente diferente da cultura local, pois, a sociedade moderna demonstra uma socialização que apresenta um papel fundamental na interiorização de normas, valores, atitudes, saberes, modos de vestir, que permitem uma homogeneidade social e cultural.

## 6. Fundamentação Teórica

O vestuário africano carrega consigo aspectos simbólicos que caracterizam as suas etnias. Esses aspectos têm sido “deteriorados” com o surgimento de nova visão de mundo que é perpassado pelo olhar ocidental. Na fundamentação teórica deste projeto, procuramos apresentar três panoramas coexistentes para compreender o processo de ocidentalização. O primeiro enfoque visa analisar a relevância da identidade étnica e da identidade global desde os processos coloniais até conjuntura da sociedade moderna ocidental, noutra perspectiva, a roupa africana e a globalização centraliza-se nos impactos que os modos de vestir mudaram por conta da globalização, e por fim temos uma discussão sobre a mídia moderna e a moda versus simbolismo, neste ponto nota-se as controvérsias existentes entre esses conceitos e como a mídia atua como influência no contexto atual.

### 6.1. Identidade étnica e identidade global

A identidade de um povo ou de uma etnia consiste em vários aspetos, entre os quais o vestuário, o processo histórico, o fator linguístico, fator racial etc. Esses pontos são de extrema importância para a identificação de um determinado povo, pois cada povo apresenta as suas próprias características. “Como se percebe o conceito de identidade recobre uma realidade muito mais complexa do que se pensa, englobando fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, político-ideológicos e raciais (MUNANGA, 2009, p.14).” Em muitos casos, quando pretendemos analisar ou estudar uma determinada etnia mesmo sem bases relevantes ou contundentes, baseamo-nos em aspectos que são mais visíveis aos nossos olhos como por exemplo a maneira como aquele povo se apresenta relativamente ao modo de vestir.

[...] Regras de parentesco, sistemas de educação, formas de governo e todos os outros modos segundo os quais se ordenam as relações sociais são igualmente culturais; gestos, atitudes do corpo. Até mesmo as expressões do rosto, provém da cultura, sendo em larga escala coisas socialmente adquiridas, por via da educação ou instituições; tipos de habitação ou de vestuário, instrumentos de trabalho, objetos de trabalho, objetos fabricados e objetos de arte. Sempre tradicionais. Pelo menos em algum grau -representam. Entre outros elementos, a cultura sob o seu objeto material." (1952. p. 3). No mesmo lugar. [...] (KAJIBANGA, 2020, p.124-125).

Os aspectos culturais das sociedades são desenvolvidos de diversas maneiras, e isso vai ser adquirido de geração em geração para que a identidade daquele povo ou daquela comunidade não se perca visando sempre nas características principais que o grupo em si está sujeito tendo em conta a sociabilidade coletiva. Acreditamos nós que o vestuário faz parte dessas características.

O continente africano foi colonizado por longos séculos, e em Angola o cenário não foi diferente, os portugueses pisaram no solo angolano no ano de 1842 com objetivos de troca de mercadoria. As etnias angolanas tinham as suas próprias regras de organização, modos de vestir característicos de cada etnia e dependiam em maior escala da agricultura e da caça, estavam divididos em grupos étnicos com os seus respectivos Reis. Com expansão europeia a organização e o modo de viver desses povos foi se deteriorando, ou seja, foi mudando com novas regras de viver, de trabalho, novos modos de vestir para serem aceites se tornando assim “civilizados, a população angolana começou a sofrer coerção afim de assimilar a cultura ocidental.

O acesso a uma série de bens, como a instrução e a saúde, assim como a existência ou não de facilidades de acesso ao mercado de trabalho, tinham em conta tal diferença. O grau de instrução académica, assim como a aceitação dos valores da cultura europeia, continuavam a ser símbolos de assimilação. Por seu turno, o lugar de residência e a forma de falar e de vestir continuavam a estar de acordo com o grau de assimilação do indivíduo. (CARVALHO, 2011, p.58)

A autenticidade da pluralidade linguística, crenças, costumes, valores e do modo de vestir do angolano “primitivo” (grupo étnico), vai se tornando um simples fato que vai ficando no passado, começa a ser atrasado, falso; [...]“Em vez de formar personalidades africanas livres, independentes, capazes de conceber uma nova ordem para a África, ela contribuiu eficazmente para destruir seus valores espirituais e culturais “autênticos” [...]. (MUNANGA, 2009, p.36). O colonizador exalta a hegemonia, ignorando assim a diversificação cultural, ou seja, a existências de outras culturas e modos de vestir que devem ser respeitados e valorizados.

O vestuário tradicional africano e em particular angolano, faz parte de muitas formas simbólicas que vêm sofrendo alterações representativas por países com maior índice de industrialização pois, as estampas e os tecidos se tornaram tendências nos últimos anos. É importante pensar que essa produção dos tecidos em larga escala no ocidente em muitos casos não é sinônimo de “valorização” e respeito a cultura africana/angola, mas, nada mais é do que um viés económico que propagada o capitalismo e a colonização moderna por causa da dependência industrial visto que o trabalho manufaturado que vigorava na produção dos mesmos tecidos a nível local já não é tão evidente.

Com a expansão europeia a vigorar, a aculturação dessas etnias se torna cada vez mais visível. Começaram a ter vergonha das suas línguas étnicas, começaram se vestir como ocidentalizados.

[...] o conceito de aculturação aparece como referencial capaz de propor uma compreensão das mudanças culturais, na medida em que dava conta dos processos de

integração, assimilação, adaptação e desaparecimento dos grupos minoritários. No Brasil, este conceito foi largamente utilizado, especialmente nas situações de contato entre índios e brancos e negros e brancos, bem como para explicar as consequências desse processo, qual seja: perda dos traços culturais originários na medida em que os grupos dominados submetem-se aos mecanismos de organização social, econômico e político do grupo majoritário. (RODRIGUES, 2005, p. 595).

Neste ponto de vista, a aculturação chega a ser a adoção ou assimilação de alguns elementos específicos de uma cultura por um grupo diferente. Para Ricardo Dias (2005), a aculturação é o fenômeno que resulta quando grupos de indivíduos detentores de diferentes culturas, atravessam períodos de contato direto, com consequências nos padrões da cultura de um ou ambos os grupos. Por outro lado, a assimilação é uma “atitude/estratégia” da aculturação em que na qual o indivíduo ou grupo aceita ou absorve os valores culturais da cultura de acolhimento ou dominante como aconteceu nos países colonizados de forma coerciva. Com o avanço da globalização, a apropriação do vestuário ocidental pela população angolana especialmente para os jovens, tornou-se viral, pois a mídia, a internet, os meios de comunicação altamente capitalistas (na sua maioria são geridas por pessoas que fazem parte da elite capitalista), geram informações do que é belo, moderno, atual, fazendo com que muitos desses jovens rejeitem as suas “raízes” causando assim uma “crise de identidade”.

O processo de globalização traz consigo inúmeras mudanças nos espaços físicos, virtuais, culturais, faz promover debates e reflexões até então com menor protagonismo e visibilidade. A globalização traz ao homem a visão de um novo velho mundo, propiciando a crise de identidade de um mundo novo de possibilidades e conhecimento, mas ainda assim um mundo velho para quem que já o descobriu. Tal facilidade e acesso ao conhecimento faz o homem se identificar, interagir e se identificar com conjuntos de características, valores e símbolos que não necessariamente sejam de seu local de origem. [...] O que para a sociedade moderna e ocidental é apenas um ato pensado de forma comercial, a fim de satisfazer uma vontade gerada pelo mercado e a mídia, para a cultura vestir-se faz parte de um processo de reconhecer-se e orgulhar-se da própria origem. (LACORDAIRE; PRETO, 2017, p.75-76).

**Figura 1:** Padrões Tribais – Samakaka pattern (Angola) junho de 2021



Fonte: Debora Dalila - Pinteresting- grusu.pt (2021).

Figura 2: ThoughtCo. Andikra publicado em 22 de janeiro de 2020



Fonte: Alistar Boddy-Evans - yulianas / Getty Images (2020)

E, a questão dessa “autenticidade” que vai se perdendo tem sido muito evidente. O mundo atual dificilmente nos proporciona momentos que podem servir de reflexão sobre as nossas representações culturais e muitas outras questões que nos interligam com a vivacidade de todas as riquezas simbólicas que por exemplo os tecidos e as estampas africanas representam. As figuras 1 e 2 mostram duas imagens que caracterizam culturalmente diferentes regiões do continente africano. O pano samakaka da região sul de Angola e um conjunto de Adinkras que são muitas vezes estampados nos tecidos de forma manual. Esses últimos, são símbolos que têm uma forte representatividade no Gana, apresentam inúmeros conceitos tradicionais e, para além de serem colocados nos tecidos, muitas vezes também são incorporados em algumas paredes. Pois, além de terem toda uma função que enaltece a sabedoria tradicional com mensagens enigmáticas e com vários provérbios, esses símbolos também exercem um papel decorativo.

Em vários países do continente africano os tecidos carregam forte conteúdo simbólico. Neles são estampadas imagens representacionais de provérbios, fábulas, desenho de cunho educacional e comemorativos. As cores também carregam significados filosóficos, podem representar status social, idade, orientação tribal e estado civil [...] (SILVA, 2017, p.4).

Mediante a essas aparições, observações e escritas “soltas” observa-se uma enorme necessidade de se colocar esse assunto em constante discussão para que a sabedoria tradicional que ainda é refletida nos olhos de muitos ancestrais, seja materializada de igual modo no dia a dia da juventude atual principalmente para que o seu cultural, tradicional e próprio seja realmente evidenciado.

## 6.2. Roupas africanas e globalização

Na discussão apresentada por Geertz (2008, p.4), em seu estudo sobre a interpretação das culturas, encontramos a seguinte explicação: “[...]. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise [...]”. Com essa análise levantada pelo autor, gostaríamos de englobar a roupa africana nessas teias cheias de significados que representam a cultura dos países africanos em outros cantos do mundo. Pois, os antepassados africanos desenvolveram essa herança cultural que varia de região para região, para que as futuras gerações tivessem em mente a riqueza africana que transcende nas estampas dos tecidos do continente.

[...] De qualquer forma, o conceito de cultura ao qual eu me atendo não possui referentes múltiplos nem qualquer ambiguidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. [...] (GEERTZ, 2008, p.66).

Ainda refletindo a tese sobre teias de significados abordados por Geertz (2008), torna-se pertinente dizer que, para nós falarmos com alguma propriedade sobre a cultura de uma determinada comunidade que não seja a nossa, querendo ou não temos que estar agrupados nessas teias para que possamos entender um pouco ou o necessário daquilo que queremos transmitir em termos representativos (como é o caso do vestuário local), e não simplesmente quereres se “apropriar” usando ou falando sem entender os sentidos, as motivações e principalmente as significações só porque segundo a tua percepção aquilo que vês ou ouves sobre o grupo étnico é bonito e quereres mostrar isso para o resto do mundo.

Outrora vestir peças de roupas africanas no cotidiano do jovem angolano residente na província de Luanda de modo específico, “era” motivo de orgulho para si mesmo e para alguns mais velhos que ainda tinham essas concepções reservadas, mas, nos tempos modernos este valor simbólico vai se tornando “inexistente” ou pouco evidenciado. A fragmentação dessas tradições verifica-se pela velocidade da globalização, “A velocidade do conhecimento pela globalização faz perder a “noção” de raiz (ligadas as especificações de cada região), além de fazer perder o conjunto de tradições que há pouco nos dava a noção de certeza e segurança, já que a modernidade nos coloca novas formas de enxergar e reproduzir pensamentos e ações (LACORDAIRE; PRETO, 2017, p.78-79).” A modernidade que é vigorada pelo capitalismo nos traz a ideia do consumo, quanto mais o indivíduo compra e consome objetos e vestuários de “moda”, é notada a sua presença ou existência e adquire a verdadeira “felicidade”.

Neste contexto, a palavra moda e felicidade são muito subjetivas, a sociedade moderna cria indivíduos insaciáveis que procuram uma felicidade no consumo e o capitalismo colabora para este fato, e a moda do vestuário vai ser aquele tecido artificial, que é o tecido ocidental, as maiores lojas de roupas estão nesses países, muitos jovens angolanos têm como maior sonho entrar nessas lojas e vestirem as roupas com uma marca conceituada esquecendo-se de vanglórias as vestimentas da sua origem. “Nesse sentido, dentre outras coisas, o vestuário também tem uma natureza bipolar, contraditória, e cumpre o duplo papel de aproximar e afastar, de agrupar e separar, de assemelhar e distinguir (QUINTELA, 2011 p. 2).” Neste ponto de vista, o vestuário ocidental cumpre o duplo papel de agrupar e ao mesmo tempo separar, ou seja, o jovem angolano se sente agrupado por usar essas vestes e ao mesmo tempo vai se afastando das suas vestes nacionais.

Dialogando um pouco com o texto de Roland Barthes (2009), sobre o Sistema da Moda, poderemos compreender que o “genuíno” já não prevalece. [...] “No entanto, a preferência pelo genuíno hoje em dia tende a enfraquecer-se [...] (BARTHES, 2009, p.181)”. Esse fato também é vivenciado em Angola, o aspeto simbólico da roupa tradicional africana vai perdendo a sua ênfase, nada mais é sólido, como diz Berman “*Tudo o que é sólido desmancha no ar*”. (1986). Em decorrência disso obtemos uma outra posição de Achile Mbembe:

[...] Supõe-se que o atual destino do Continente não advém de escolhas livres e autônomas, mas do legado de uma história imposta para africanos, marcada pelo ferro e fogo em sua carne através do estupro, da brutalidade e de todo o tipo de condicionantes econômicas. Considera-se que a dificuldade de o sujeito representar a si mesmo (a) como o sujeito de uma vontade livre, resulta desta longa história de subjugação [...] (MBEMBE, 2001, p.176).

Essas reflexões não se posicionam simplesmente na vertente econômica dos países que foram e continuam a ser alvos das metrópoles, mas, está ligada a toda uma conjuntura que rege ou autonomiza determinada sociedade. Com isso, cabe-nos dizer que o modo como aceitamos e destacamos as nossas culturas (crenças, vestuário, ideologias etc), é uma maneira de autoafirmação enquanto integrantes da comunidade X ou Y. Ou seja, por mais que uma peça de roupa não caracteriza necessariamente que alguns são mais africanos que outros como frisamos anteriormente, mas acreditamos que esse posicionamento acaba por ser importante pois damos vida constantemente para algo que a muito vem sofrendo um epistemicídio.

O processo de ocidentalização quer seja de angolanos (em maior escala jovens), e de outros povos africanos ao longo dos tempos, não foi e não tem sido um simples processo como fechar e abrir os olhos, para muitos, este processo é desafiador e complexo pois carrega consigo elementos de identidades divergentes aos seus. Só que, para o indivíduo “existir” ele tem de

acompanhar a modernidade que vem atrelada o fator globalização. Este processo, é visto como aquele que através do qual sociedades ou populações não ocidentais repetem recaem sob a “influência” da cultura ocidental em diversas questões como: tecnologia, política, religião, língua, vestuário, entre tantas outras questões. E o mesmo, muito se deu com a expansão europeia e conseqüentemente com a colonização que alguns países sofreram inclusive países africanos.

Sair do armário é para muitos uma expressão perturbadora. Para outros pode parecer um tanto quanto desafiadora [...]. Quando estudamos a questão da identidade na pós-modernidade, ou modernidade recente como preferem alguns autores, percebemos o quanto ela tem sido questionada no que diz respeito à rigidez que muitas vezes acreditamos que ela deve ter. [...] Nesse novo período o sujeito é convidado a “sair do armário”, para se desprender das características que o constituíam no modernismo para incorporar novos elementos a sua subjetividade. Se ele não fizer por vontade própria, ele é “arrancado à força do armário. (QUINTELA, 2011, p. 2).

A sociedade moderna absorve ou recria os modos de pensar, agir, fabular, vestir, imaginar das sociedades tradicionais. Quando o indivíduo não se sente apropriado no mundo moderno e pretende continuar no seu armário, as forças sociais o coagem diretamente para que ele seja arrancado para pertencer em uma sociedade em que o sujeito é transformado num mero consumidor.

Questionar os valores estabelecidos da sociedade significa desestruturar a convencionalidade. Uma performance que costuma ser realizada pelos jovens, que exercem com mais frequência rupturas de paradigmas. A vestimenta torna-se nesse cenário de contestação um marco político-social de imposição de novos valores (SILVA, 2017, p. 4)

Nesse sentido, essas imposições destes novos valores devem automaticamente ser empregadas ou diagnosticadas com caracterizações que enaltecem o próprio continente africano no que diz respeito ao vestuário, que é a discussão do referente trabalho.

### **6.3. A mídia moderna, a moda e o simbolismo**

A sociedade moderna, se constitui de ferramentas capazes de arrancar o sujeito do armário como as propagandas do belo e verdadeiro até mesmo relacionadas ao vestuário, que são veiculadas pelos meios de comunicação audiovisuais que refletem a cultura ocidental, procurando assim uma harmonia que não existe. “A moda situa-se, então como um movimento social que opera dentro dos canais de comunicação de massa, principalmente a internet” [...] (SILVA, 2017, p.11).

Segundo Quintela (2011), o sentimento de identidade está ligado a uma memória que permanece viva na experiência singular, tanto de um indivíduo como de um grupo. Com um

novo contexto social (modernidade), onde o meio influencia fortemente o sujeito, a identidade deixa de ser estática, e a identidade do vestuário do contexto social angolano também vai alterando, o sujeito adota vários territórios ao mesmo tempo.

Se a modernidade na qual estamos vivendo é um contexto social “novo”, como já vimos anteriormente, ela produz um novo sujeito. Um sujeito cuja identidade não se restringe a uma só definição, o próprio ambiente social contemporâneo fornece aparato para uma múltipla experiência subjetiva e social, o “traje a rigor” dessa nova modernidade são as múltiplas possibilidades de vivências. Vejamos um exemplo: um homem, médico, professor, profissional liberal, na internet pode frequentar salas de bate papo para homossexuais sado-madosoquistas, ou ainda na vida privada ser clubber, punk. É uma fragmentação, construção de várias identidades. (QUINTELA, 2011, p.4).

De acordo com Lacordaire e Preto (2017), os indivíduos que migraram de seus locais de origem, que sofriam influência da nova cultura e que produziam novos costumes a partir da miscigenação passam a ganhar cada vez mais significado e visibilidade após o processo de globalização. Pensando nisso, em algumas circunstâncias o jovem angolano quando vai se formar em outros países principalmente nos países da Europa, almejam logo de princípio participar arduamente na cultura predominante naquele canto do mundo incluindo como eles se vestem, “renegando” uma de suas representações simbólicas. Porém, é necessário frisar também que em outros momentos outros jovens acabam por se firmar e perceber melhor essas mesmas representações estando fora de suas regiões. Ou seja, ele pode querer destacar suas singularidades (do eu) em relação ao grupo do outro, se vestindo com tecidos africanos como antes não fazia, vai depender do contexto de cada país.

Que futuro Angola terá com uma parte do seu valor identitário fora do eixo, que é deixado de lado em grande parte pelos jovens que segundo o governo angolano os mesmos são a força motriz da sociedade? Para maior parte destes jovens a questão do vestuário não vai além do que estar na “moda”. “Nesse sentido o se vestir igual, ou seja, consumir vestuários iguais vai muito além de “estar na moda [...]” (QUINTELA, 2011p. 7). Vestir vai muito além de estar, se sentir na moda ou simplesmente querer aparecer (como dizemos habitualmente em Angola no ciclo juvenil), pois mesmo sem perceber o indivíduo transmite alguma coisa sobre a sua personalidade por intermédio da roupa.

Em alguns casos esse processo de ocidentalização que o jovem de Angola vivencia em relação ao vestuário, é uma questão de se afirmar em algumas representações e encontrar-se delas, como por exemplo um jovem que trabalha em uma empresa que o chefe é branco proveniente de um dos países da Europa, chega a dizer que não pode usar roupas africanas porque senão o seu chefe vai dizer ou achar que ele é antiquado. E essa ideia ou pensamento

vai sendo multiplicado em outras áreas institucionais. “As referências como símbolos, músicas, roupas e religião fazem parte da cultura e conferem significado de identidade, assim, o indivíduo moderno busca seu lugar dentro de um contexto globalizante, a fim de encontrar-se nas representações. (LACORDAIRE; PRETO, 2017, p.81)”. A constituição da moda é de alguma forma renegada ou questionada pelos povos “primitivos”, além de ser uma grande influência para a “perda da identidade ou cultural” no âmbito do vestuário, também cria individualidade.

A sociedade primitiva criou uma barreira redibitória à constituição da moda, na medida em que esta consagra explicitamente a iniciativa estética, a fantasia, a originalidade humana, e implica, além disso, uma ordem de valor que exalta o presente novo em oposição frontal com o modelo de legitimidade imemorial fundado na submissão ao passado coletivo. [...] (LIPOVETSKY, 2009, p.27).

A questão não é simplesmente a constituição da moda, mas de alguma forma como essa moda é imposta, apresentada, mobilizada, e como as mesmas sociedades a encaram. Porque pode fazer-se a moda com qualquer tipo de roupa ou tecido, só que o mundo ocidental implementou padrões que “devem” ser seguidos causando rupturas culturais. E a mídia apresenta publicidades das roupas mais vestidas pelos famosos, a roupa para a ocasião A e B, como ocorre por exemplo na música e outros gêneros artísticos.

Existem várias formas de poder defendidos por diversos autores, que vão desde o político, económico, coercitivo entre tantos outros. Pierre Bourdieu (1989), vai trazer uma discussão de poder que muito tem a ver com as representações simbólicas que em determinados sentidos agregam diversos aspectos culturais, que é o poder *simbólico*.

Na concepção de Bourdieu (1989), o poder “simbólico” vai ser caracterizado como a forma ou a maneira como cada um de nós se vê ou se observa nesse mundo. Ou seja, o que nós enxergamos na realidade e automaticamente somos capazes de explicar a mesma realidade de maneira que os outros possam entender. Logo, podemos aqui considerar o vestuário africano/angolano como um elemento simbólico de identificação.

[...] O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica. [...] Os símbolos são instrumentos por excelência de integração social, enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação [...] (BOURDIEU, 1989, p.9-10)

Para os povos africanos a cultura carrega consigo questões simbólicas que são parte das várias etnias que constituem Angola. E essas questões simbólicas são perpassadas de geração em geração e os filhos aprendem a cultura (que inclui também a forma de vestir) local no seio

familiar. Segundo a professora Maria da Graça (2010) que faz uma abordagem sobre o capital simbólico de Pierre Bourdieu, afirma que:

Nesse sentido, Bourdieu põe em discussão, desafiando várias autoridades, um consenso muito em voga, relativo à crença de que gosto e os estilos de vida seriam uma questão de foro íntimo. Para o autor, o gosto seria, ao contrário, o resultado de imbricadas relações de força poderosamente alicerçadas nas instituições transmissoras de cultura da sociedade capitalista. (SETTON, 2010, np).

As sociedades estão cada vez mais hierarquizadas e divididas por classes, e o processo de ensino e aprendizagem por exemplo, não apresenta uma formação cultural contemporânea igualitária e nos apresentam um capital cultural incorporado e não culto, surge uma violação simbólica pois se reconhece e legitima uma única forma de cultura inviabilizando e desconsiderando outras.

[...]Seria, especificamente, o que se chamaríamos de “*capital cultural incorporado*”, uma dimensão do *habitus* de cada um; uma predisposição a gostar de determinados produtos da cultura, por exemplo, filmes, livros ou música, consagrados ou não pela *cultura culta*; uma tendência desenvolvida em cada um de nós, incorporada e que supõe uma interiorização e identificação com certas informações e/ou saberes; um *capital*, enfim, em uma versão simbólica, transvertido em disposições de cultura, portanto, fruto de um trabalho de assimilação, conquistado a custo de muito investimento, tempo, dinheiro e desembaraço no caso dos grupos privilegiados.(SETTON, 2010, np).

Visto nesta perspectiva, o vestuário também é uma simbologia de um povo, grupo, etnia, e quando se incorpora novas formas de vestir, novos tecidos considerados mais viáveis e clássicos, que estão na moda e fazem a moda, e essas novas formas são assimiladas muitas vezes por meio da coerção, a cultura predominante ou nativa se inviabiliza e a dominante vai perpetuando.

Para compreendermos melhor um pouco mais sobre esse facto pensemos o seguinte: existem inúmeras categorias criadas pelo grupo “dominante” (tendo em conta todo o poder exercido por eles), que se caracterizam em mapear aquilo que se pode consumir, usar, assistir, o que é permitido entre outros, vangloriando assim as suas pretensões e concepções ideológicas, políticas, económicas e sobretudo dominantes. Logo, é notável que as populações dominadas seguem a linha apresentada, compartilhando do mesmo pensamento gerado por essas mesmas categorias. Ou seja, o padrão do discurso do Norte (dominante) vai prevalecendo ao passo que silencia as nuances simbólicas étnicas do povo africano.

Nesse sentido, o poder simbólico vai ser aquele que vai fazer com que os dominados pensem com as categorias e com as visões de mundo do dominante. Ora vejamos, durante o

período colonial os africanos em especial os angolanos tinham e usavam suas vestes tradicionais, que é carregada de significados e identificações, e, surge o europeu dizendo que tais vestes deviam ser desconsideradas e para que isso acontecesse foi criada a categoria dos civilizados. Ora, os dominados engrenaram nos padrões civilizatórios sustentados pela classe europeia a fim de obterem algum benefício, mesmo sendo escravizado. E hoje, como é que a sociedade ocidental avalia e repercute o vestuário africano tendo em conta todas as suas ideologias? Para essa questão propomos seguinte reflexão:

[...] as fracções dominantes, cujo o poder se assenta no capital económico, têm em vista impor a produção simbólica, que por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação; [...] (BOUDIEU, 1989, p.12).

O capitalismo e a industrialização são um marco de grande relevância dentro das comunidades ocidentais e, na produção de peças de roupas e de certo modo os tecidos africanos também podem ser enquadrados nesta perspectiva tendo em conta o pouco material industrial em determinadas localidades africanas incluindo Angola/Luanda. Logo, podemos considerar que a repercussão e produção ou reprodução da vestimenta africana/angolana por ocidentalistas recai num viés “pouco” reflexivo em questões culturais sobre as representações africanas/angolanas.

A arte, engendrada no capitalismo como consumo estético, é meio usado para o debate político. Em meio à um industrial cultural, que entrega o produto artístico sem nenhuma proposta de reflexão, emergem empresas e consumidores dispostos a colocar novamente em pauta as problematizações estéticas e culturais dos afro-brasileiros. (SILVA, 2017, p.13)

De acordo com uma entrevista publicada em um dos canais televisivos de Luanda em 2016, Nadir Tati uma prestigiada estilista angolana, declarou que a moda do país tem um papel preponderante na representação da cultura nacional em outros cantos do mundo, demonstrando assim a qualidade dos trajes feitos por angolanos por mais que ainda seja em uma escala muito baixa. É claro que essas declarações são fruto do trabalho árduo que determinados estilistas têm exercido em palcos internacionais levando em vários momentos os trajes carregados de símbolos e estampas africanas. Porém, no dia a dia do país em si o cenário é completamente diferente pois essa representação cultural a nível local vai se tornando cada vez mais inexistente. Outros se dizem mais africanos só pela roupa africana que usam negligenciando aqueles que usam fatos e gravatas. A discussão não é propriamente essa, mas sim procurar contextualizar estas questões tendo em vista vários aspetos entre os quais o processo colonial.

Por esses pressupostos, a moda angolana vai ganhando um contorno contraditório daquilo que é a preservação de um património cultural que nalguma forma rege a identidade do povo. Noutro tempo, os panos de *bessangana*<sup>6</sup>, *samakaka*<sup>7</sup> e tantos outros vigoraram de maneira significativa porque as pessoas tinham maior orgulho e desse jeito faziam o desenrolar da moda angolana sem muitas influências, ou seja, chegava a ser doloroso não ter peças de roupa com os tecidos que representam lutas e conquistas com aquelas estampas coloridas cheias de vida.

Atualmente este cenário apresenta uma análise diferente sobre a questão da moda angolana pois, ela vai ficando cada vez mais atrelada a uma estrutura macro ocidentalizada que apresenta aquilo que é usual ou é tendência que muitas vezes é perpassada pelos meios de comunicação de massa principalmente por intermédio de novelas e propagandas e, essas vivências desencadeiam perspectivas ideológicas que tendem a ser levados como modo de vida que silenciam a construção simbólica e identitária que subjaz as vestimentas.

---

<sup>6</sup> Panos tradicionais que caracterizam as mulheres e homens luandeses

<sup>7</sup> Tecido tradicional dos Muíla. Povos que se encontram na região Sul de Angola

## 7. Metodologia

Para a realização deste trabalho será utilizada uma pesquisa bibliográfica e exploratória (Angola/Luanda), para a coleta de dados em que na qual serão submetidas análises e interpretações. Com base nisso, usar-se-á alguns sites específicos em busca de livros, teses, dissertações, revistas virtuais, artigos que de alguma forma abordam sobre o tema. Ou seja, procuraremos buscar as contribuições já existentes sobre o assunto a ser pesquisado.

A pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador a conhecer e refletir criticamente sobre uma gama de transformações conceituais, históricas, científicas e sociais, ou seja, a pesquisa bibliográfica nos dá uma dimensão ou extensão maior e com excelência por intermédios de livros e outros elementos, sem que o nosso se desloque fisicamente.

[...] Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não tem maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos. (GIL, 2002, p.4).

Obviamente que o pesquisador tem de tem em atenção em coletar os dados bibliográficos para não incorrer no erro de fazer a análise de um dado equivocado ou não verídico, por mais que os mesmos estejam em livros publicados ou que outros elementos estejam em sites ou revistas com grande relevância.

Nesta investigação, a pesquisa bibliográfica auxiliará no desenvolvimento científico sobre os modos culturais de uma dada sociedade, refletindo sobre assuntos relacionados a industrialização, importação e exportação, construção de infraestruturas para que as pessoas sejam alojadas de maneira digna e considerável e etc. Mas, a cultura também é um ato de desenvolvimento.

[...] Ao sintetizar a relação entre crescimento econômico e cultura, o Prof. Kabengele Munanga destaca que o verdadeiro desenvolvimento é aquele que respeita a demanda e as prioridades de um povo. [...] Desenvolvimento também é cultura, pois só os seres humanos e as sociedades humanas transformam a natureza, produzem riquezas, inventam ciências e tecnologias que ajudam na transformação da vida em termos de melhoria de saúde, alimentação, transporte, comunicação e instituições que abrigam os nacionalismos cívicos, as formas democráticas e o bem-estar em geral. (WILLIAM, 2019, p.16).

Os contextos sociais do continente africano vão sendo cada vez mais subjugados no sentido de que, até os próprios africanos adquirirem um entendimento sobre si meio que superficial ou normalizado por conta de absolvições vindas de contextos externos e

automaticamente “superiores” como se mostram atualmente. E, é nesse sentido que várias abordagens que se relacionam diretamente com o continente berço vão se desenvolvendo de maneira crítica e contextualizada, principalmente assuntos ligados a cultura e a tradição, para que se perceba o caminho que se está a seguir e o caminho que se quer seguir.

É necessariamente por causa dessas eventualidades que se precisa levantar interrogações do que o mundo moderno oferece como uma possível “colonização moderna”. E a questão do vestuário é muito pautada porque faz parte das representações simbólicas das populações africanas. Ou seja, por mais interação que se tenha com outras culturas e outras vivências, existe a grande necessidade de pensar o que fazemos enquanto africanos para que o nosso pertencimento cultural e tradicional seja realmente resgatado principalmente pela juventude que apresenta um desleixo considerável com relação ao tema proposto.

Outrossim, será feita uma aplicação de questionários ou entrevistas para alguns jovens da província de Luanda para obtenção de maiores instrumentos argumentativos que possam diversas contribuições ao trabalho proposto. Serão selecionados jovens (homens e mulheres) com uma faixa etária compreendida entre os 18 aos 26 anos de idade quer sejam eles estudantes da UNILAB ou residentes na capital do território angolano.

## 7.1 CRONOGRAMA

<b>ATIVIDADE</b>	<b>2019.2</b>	<b>2020.1</b>	<b>2020.2</b>
Produção do Projeto de Pesquisa	x	x	
Revisão Teórica sobre Identidade e Autenticidade		x	
Revisão Teórica sobre cultura e moda angolana		x	x
Defesa de TCC			x

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O sistema da moda** (The fashion's system). WMF Martins Fontes – POD; 1ª ed. São Paulo, 2009.

BERMAN, Marshall – **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Editora Schwarcz Ltda. 1986

BOUDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Difusão Editora. Lda; Editora Bertrand Brasil. S.A, 1989.

CARVALHO, Paulo- Angola: **Estrutura social da sociedade colonial**. Disponível em: Revista Angolana de Sociologia, 2011 - journals.openedition.org.

CIDREIA, Renata Pitombo – **A Moda como expressão cultural e pessoal**. Disponível em: [http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/07\\_IARA\\_vol3\\_n3\\_Dossie.pdf](http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/07_IARA_vol3_n3_Dossie.pdf). Acesso em: 7 jul. 2021.

DA SILVA, Dandara Maia – **Afirmção étnica e o consumo da moda: o uso da estamparia africana como um ato político**. 2017. Disponível em: [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488823057\\_ARQUIVO\\_Texto\\_A\\_npuh.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488823057_ARQUIVO_Texto_A_npuh.pdf). Acesso em: 6 jul. 2021.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **Epistemologias do sul**. Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 80, p. 5-10, 2008. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/80/RCCS80-002-Introducao-005-010.pdf>. Acesso em 12 out. 2020.

DIAS, Ricardo Brillhante- **Processos de aculturação e auto-determinação de refugiados em Portugal**. Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0233.pdf>. Acesso em: 5 fev. de 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como classificar as pesquisas**. Como elaborar projetos de pesquisa, v. 4, p. 44-45, 2002.

IANNI, Octavio, 1926- **Teorias da globalização**- 16ª ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LACORDAIRE, Mariana; PRETO, Seila Cibele- **Apropriação e Hibridização**, 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2017/index.php/anais/>. Acesso em: 23 jan. 2019

KAJIBANGA, Victor. **A sociologia da cultura africana na obra de Mário Pinto de Andrade**. Africana Studia, n. 1, 2020.

LIPOVETSKY, Gilles- **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Companhia de Bolso; Edição de bolso, 2009.

MBEMBE, Achille. **As formas africanas de auto-inscrição**. Estudos afro-asiáticos, v. 23, n. 1, p. 171-209, 2001.

MUNANGA, Kabengele- **Negritude: usos e sentidos**- Belo Horizonte: Coleção cultura Negra e Identidade, 2009.

QUINTELA, Hugo Felipe. **A Segunda Pele: A linguagem das roupas, seus signos e a configuração da identidade social através do vestuário.** Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFES, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em:<http://www.periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1551>. Acesso em: 23 jan.2019.

RODRIGUES, Lúcia Vilmar. **Identidade e inserção social na linguagem visual de roupas e acessório.** JORNADA SETECENTISTA, v. 6, p. 594-602, 2005. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/Identidade-e-inser%C3%A7%C3%A3o-social-na-linguagem-visual-das-roupas-e-acess%C3%B3rio-Vilmar-L%C3%BAcia-Rodrigues.pdf>. Acesso em: 15 mar.2020

SETTON, Maria da Graça Jacinto. **Uma introdução a Pierre Bourdieu.** Revista Cult, n. 128, p. 45-50, 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/uma-introducao-a-pierre-bourdieu/>. Acesso em: 23 set.2020.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural.** Editora Jandaíra; 1ª ed. 2019.